

História do Contrabando em Salvaterra do Extremo

ANTIGO REGIME

Quando da atribuição do primeiro foral em 1229, a vila de Salvaterra estava isolada e fora dos circuitos do comércio tradicional, situação que desde logo deu origem ao chamado contrabando de subsistência, desenvolvido pelas populações de ambos os lados da fronteira, as quais estavam ligadas normalmente entre si por laços familiares. Mas o grande contrabando era movimentado e controlado pelos alcaides-mores e comendadores de ambos os lados da fronteira e a coberto pelas leis que reconheciam o movimento de transumância entre Portugal e Castela. Este contrabando estava nesta altura confinado a mantimentos, gados, peles, couros, lã e outros bens de primeira necessidade.

A situação de fechar os olhos no que respeitava ao negócio do contrabando só foi contrariada em 1481, quando o rei D. João II aprovou legislação relacionada com o combate ao contrabando.

APÓS A REVOLUÇÃO FRANCESA

Como forma de debilitar a economia inglesa, o Império Francês decretou o **Bloqueio Continental** em 1806, no qual Napoleão determinava que todos os países europeus deveriam fechar os seus portos para o comércio com a Inglaterra. Em Espanha esta situação agravou-se quando Napoleão deslocou para França cerca de 6.000.000 ovinos de raça merino. Em Castelo Branco, os têxteis importados eram armazenados e daí transferidos para os concelhos raianos vizinhos. O concelho de Salvaterra do Extremo passou então a ser um dos centros privilegiadamente escolhidos, que se reflectia na entrada diária de grupos de quarenta a cinquenta espanhóis provenientes de Ceclavin. Estes grupos bem montados e armados, após carregarem as bestas de transporte com os têxteis a contrabandear, passavam a fronteira. O negócio fazia-se em dinheiro ou por permuta com bens que os contrabandistas traziam, nomeadamente sedas, armas, tabaco e sabão. O contrabando dos têxteis para Espanha continuou a ser tolerado, senão incentivado, até finais da década de vinte do século XX.

A GUERRA CIVIL DE ESPANHA E A GRANDE GUERRA

Aproveitando a instabilidade social vivida então em Espanha, Salvaterra do Extremo tirou partido da situação para contrabandear mantimentos, gado, volfrâmio e trazer para Portugal moeda (peseta) e bens valiosos como artigos de ouro e prata, obras de arte e outros artigos de fácil comercialização. A guerra civil de Espanha contribuiu para que o contrabando se massificasse no respeitante à exportação clandestina de Portugal para Espanha de farinha, pão, azeite, gado suíno, gado cavalar, tripa de porco, café, tecidos, etc. Com o final da guerra civil, o contrabando com Espanha manteve-se com o mesmo ritmo e direcção, aparecendo um novo negócio referente ao contrabando de peles para Espanha, as quais eram posteriormente contrabandeadas para França.



O CONTRABANDO QUE FAZ PARTE DA NOSSA LEMBRANÇA

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o contrabando entre Portugal e Espanha estabilizou e, gradualmente, diminuiu a importância do contrabando de bens alimentares e animais. Em contrapartida desenvolveu-se o contrabando do café e do tabaco para Espanha, conhecido pelo “contrabando dos pobres”. Este contrabando é desenvolvido intensamente nos anos cinquenta e sessenta do século passado, cujas causas estão interligadas na altura à falta de trabalho, à dureza da vida no campo e à diferença de salários praticados no contrabando e nos trabalhos agrícolas. Os contrabandistas estavam organizados em quadrilhas, chefiadas por um ou dois elementos, cuja composição raramente ultrapassava os 12 elementos. Operavam apenas durante a noite deslocando-se, segundo os acordos com os receptores espanhóis, a pé até Zarza-la-Mayor, Ceclavín, Acehuche, Garrovillas e Mata de Alcántara. Aqueles homens tinham de enfrentar noites escuras de Inverno, chuvosas ou não, carregados com 25 a 35 kg de café, por terrenos cheios de obstáculos. De modo geral, não carregavam qualquer tipo de mercadorias quando no regresso de Espanha para Portugal. Dado o caudal irregular do rio, muitas vezes a subida repentina das águas surpreendia os contrabandistas no regresso obrigando-os, como solução, a montar o célebre sistema de cordas que ligava as margens do rio e que permitia transferir cargas e pessoas.

A mulher contrabandista viveu todas estas dificuldades e incertezas, tal como o homem, apenas com uma diferença: as viagens eram feitas de dia e a carga de café era mais leve, embora houvesse mulheres que fizessem duas ou mais viagens por dia. A vinda para Portugal era sempre aproveitada para trazer remédios, pomadas para as dores, vitaminas, ceregumil, óleo de fígado de bacalhau, rebuçados, chocolates, caramelos e cacau em pó. Como curiosidade é de realçar que a Guarda-fiscal tinha nos seus quadros uma apalpadeira, isto é, uma mulher que, sempre que necessário, era requisitada para apalpar as mulheres que tentavam passar produtos escondidos nas roupas que vestiam. Homens e mulheres de Salvaterra do Extremo detidos em Espanha permaneciam, em média, uma semana nas prisões das localidades onde eram capturados, sendo depois transferidos para a prisão de Cáceres onde permaneciam entre 10 a 60 dias, embora existissem casos de detenções até 12 meses. Aquando da saída desta última cadeia, eram conduzidos à fronteira, sendo entregues à PIDE no posto da Beirã, sendo depois conduzidos ao Tribunal de Idanha-a-Nova e aí julgados pelo crime de emigração clandestina. Na sua maioria estes contrabandistas foram, neste último julgamento, absolvidos ou condenados a uma pena de 15 dias dada como cumprida.

Geopark Naturtejo

O Geopark Naturtejo da Meseta Meridional é um território com um Património Geológico de excepção, com relevante valor científico, educativo e estético, conjugados com aspectos ecológicos e histórico-culturais de forma integrada numa estratégia de desenvolvimento local sustentável.

Uma imensidão de tempo revelada no espaço...

600 milhões de anos preservados em rochas e paisagens que se estendem por mais de 4600 km²...

Lugares fantásticos, onde a Natureza avassaladora é celebrada num encontro de culturas perpetuado por milhares de anos...

Uma região onde a Mãe Terra foi particularmente generosa.



Geomonumento Canhão Fluvial do Erges, uma vereda do contrabando

Textos: Ramiro Rodrigues & José M. Moreira / Naturtejo; Fotos: João Geraldes & Emílio Martins / Naturtejo; Arranjo Gráfico: Naturtejo



Informações Úteis:

park Naturtejo I Naturtejo EIM	272 320 176
	www.naturtejo.com
Associação C. R. de Salvaterra do Extremo	966 251 206
Junta de F. de Salvaterra do Extremo	277 455 277
GNR - Posto de Zebreira	277 427 123
Bombeiros – Zebreira	277 427 117
SOS	112
SOS Floresta	117
Alojamento	
Casa do Forno	277 455 021
	www.casadoforno.com.pt

Visitas Guiadas:

Para visitas guiadas, por favor contactar as entidades: Casa do Forno ou Associação Cultural e Recreativa de Salvaterra do Extremo.

Promotores:



Salvaterra do Extremo



Veredas do Contrabando



"Os espanhóis não vinham cá. Não vinham cá. Nós é que lhe íamos lá a levar tudo. Os espanhóis são mais espertos que os portugueses. Vinham cá as espanholas coitaditas e também levavam café. Os homens espanhóis não vinham cá. Os espanhóis estavam lá muito bem descansadinhos e não vinham cá!"

Ti Chico Lagaio, Ex-contrabandista, Salvaterra do Extremo